Prefácio

Nos anos 30 e 40, o Ministério da Educação, de Gustavo Capanema, disputou com os empresários do setor industrial a responsabilidade pelo ensino industrial e técnico no Brasil. A solução, como costuma acontecer, foi salomônica. Por um lado, o governo cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o SENAI, de pretensões modestas, sob a responsabilidade da Federação das Indústrias, para a formação de aprendizes; por outro, assina uma ambiciosa "Lei Orgânica do Ensino Industrial", sob a responsabilidade do Ministério da Educação, que deveria, entre outras coisas, realizar a "preparação profissional dos trabalhadores e sua formação humana", "nutrir as empresas, segundo suas necessidades crescentes e imutáveis, de suficiente e adequada mão de obra", e fortalecer a Nação, "procurando continuamente a mobilização de eficientes construtores de sua economia e cultura".

O SENAI, apoiando-se na tradição de formação técnica desenvolvida junto ao sistema ferroviário de São Paulo, implanta desde o início o tradicional sistema europeu de treinamento tipo mestre-aprendiz, e se transforma em uma experiência muito bem sucedida de capacitação de operários especializados para a crescente indústria brasileira. O Ministério da Educação, muito mais ambicioso, opta por contratar 27 professores suíços para o Liceu Nacional a ser implantado no Rio de Janeiro, que seria o modelo para o resto do país. O projeto é um retumbante fracasso. Em 1943 o engenheiro Constantin Wüthrich, contratado como chefe técnico de mecânica de ensino industrial, escreve uma longa carta ao Ministro, descrevendo suas frustrações: "embora eu tenha sido contratado como chefe da seção mecânica, oficialmente até hoje não sei o que se passa na oficina, quem dá ordens e qual o programa de ensino"; "os técnicos no fim do primeiro ano não sabem nada de ferro, aço e suas ligas, porque o professor lecionou sobre o metro, o compasso, o paquímetro, etc., passando depois para as relações no torno, usando para isto ilustrações de um catálogo ou folhas semelhantes..." [1]

---

[1] Esta história, e mais o texto completo da carta de Wüthrich, estão em Simon Schwartzman, Helena Bomeny e Vanda Costa, *Tempos de Capanema*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

O predomínio do pensamento erudito, livresco, pretensioso, e que acaba se perdendo nos meandros do discurso vazio, do formalismo legal e das mesquinharias burocráticas, sem jamais entrar em contato com o mundo real, em contraste com o conhecimento construído a partir da prática, do contato com o mundo do trabalho e dos objetos da natureza, é a chave para entender as mazelas da educação brasileira em todos os seus níveis, e o tema central deste livro. Na juventude, nos diz Cláudio de Moura Castro, ele vivia em uma fábrica de tecidos “perdida nos grotões de Minas Gerais”, onde cem operários trabalhavam em um padrão de qualidade europeu, formados por um técnico alemão e um engenheiro checo. Desta experiência, Cláudio tira duas lições: primeiro, a importância das técnicas e dos hábitos de trabalho competente, limpo e bem feito, que só se aprende de quem já sabe e os possui. Segundo, de que não é necessário ser alemão, suíço ou checo para aprender bem as coisas; basta não ter tido a educação errada, e ter tido a oportunidade de seguir os passos de quem já sabe.

Ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que se transforma em um dos mais importantes economistas contemporâneos da educação, Cláudio também desenvolve suas habilidades de radiotécnico, mecânico, carpinteiro, cozinheiro, mestre de obras, motociclista, piloto de asa delta e parapente, fotógrafo e alpinista, entre tantas outras: em cada tema, a intimidade com os materiais e os instrumentos, o conhecimento das culturas tecnológicas, e o treinamento nas técnicas e hábitos necessários para fazer as coisas bem feitas. Esta cultura manual e material, combinada com a cultura acadêmica, faz de Cláudio um intelectual pouco comum em nosso meio, que escandaliza a tradicional família mineira nos anos 50 e 60, vestindo camisa vermelha, andando de lambreta e lendo gibis em inglês, enquanto seus colegas se vestiam de cinza, tratavam de ler Sartre em francês e se embebedavam nos bares belorizontinos; e que faz do pensamento e das atitudes não convencionais, do dever da impopularidade, um lema para a vida.

A intimidade com o mundo das coisas e das técnicas torna Cláudio um realista e empirista militante: existe um mundo real que está fora de nossas cabeças, que pode e deve ser conhecido e entendido pela observação e análise sistemática dos fatos e das evidências, e pela acumulação de experiências e conhecimentos, sem os quais as teorias e modelos abstratos têm pouco sentido. Todos sabemos, e Cláudio também, que as coisas são mais complicadas, que o conhecimento se desenvolve em contextos

sociais específicos, e que a separação entre os mundos dos fatos e o mundo dos conceitos, valores e preferências não é tão simples e nítida quanto às vezes se diz. Mas isto não pode servir para negar a força dos fatos, dizer que não existem conhecimentos melhores do que outros, somente ideologias, e que competência e incompetência são a mesma coisa. Independentemente do que possamos gostar ou preferir, existem métodos de ensinar a ler que funcionam, e outros que não; existem universidades de qualidade, que formam bem e produzem conhecimentos relevantes, e universidades ruins, que formam mal, e desperdiçam recursos; e existem dados, experiências e evidências, em todo o mundo, que nos permitem ir abrindo caminho na selva de preconceitos, ideologias e teorias desencontradas, na busca daquilo que importa, que é usar os recursos da cultura e da educação para dar a cada pessoa as condições para construir sua vida da forma mais plena, construtiva e enriquecedora seja possível.

Ao longo de sua carreira, Cláudio tem tido a oportunidade de conhecer estas experiências, influenciar decisões, participar na criação e reforma de instituições educativas e de pesquisa, e agora comparte conosco as lições que aprendeu.